

# DEFESA DA CULTURA, CULTURA DA DEFESA

Jorge Calvario dos Santos\*

## RESUMO

A proposta do estudo é de uma análise do tema para que seja possível, nesse momento histórico, em que submetidos por uma cultura muito poderosa, possamos encontrar um caminho para a evolução e para sobrevivência como nação. As conquistas da ciência possibilitaram a construção de uma civilização materialista e utilitarista, onde o ser humano perde suas características essenciais e vive uma ordem pragmática fechada que enfatiza o individualismo e o militarismo no plano social. As culturas poderosas, por essa razão, são beneficiadas com o controle e domínio dos recursos de que necessitam. Tal como ao longo da história, vivemos um conflito de ordem cultural. Apenas preservando a cultura é possível a uma nação superar a fase atual, se preservar e construir uma civilização que tenha o ser humano como objetivo maior.

**PALAVRAS CHAVE:** Cultura, Modernidade, Defesa.

---

\* Doutor em Ciências pela COPPE/UFRJ, Coronel Aviador e assessor do Centro de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra.

## ABSTRACT

*This paper presents a beginning analysis on culture and defense in order make it possible, at this historic moment when societies, all over the world, suffer a strong process of cultural interference, by a powerful culture, to search for a way to evolve and survive as a nation. The conquests of science have building a powerful civilization. A materialist and utilitarian civilization, where human beings have been lost their essential characteristics and live in a closed pragmatic order that emphasizes the individualism and militarism in the social plan. The powerful culture, for this reason, has the benefited from the control and domain of those resources they need. As long term history shows, we live a conflict of cultural order. Most conflicts have cultural reasons underlying their economic, military, or political appearance. Only with the preservation of the culture is it possible, for a nation, to overcome the current phase, to preserve it and to construct a civilization that has the human being as its major objective.*

*KEY WORDS: Culture, Modernity, Defense.*

A história da humanidade tem sido caracterizada por uma sucessão de crises. A crise generalizada que atinge o mundo neste início de século não é um fato insólito ou singular. As transformações decorrentes atingem fortemente as estruturas política, econômica e cultural dos Estados Nacionais.

A diferença entre a crise atual e as que a precederam está no seu caráter maciço, na sua abrangência e simultaneidade universal. Seus agentes desestabilizadores atuam recorrentemente na totalidade do espaço geográfico, deixando ver o agravamento das contradições do sistema em meio à difusa movimentação horizontal e vertical de inúmeras variáveis, causando, não raro, perplexidades e sofrimento.

A crise que vive o mundo, atual, não tem razão meramente econômica. Ela envolve toda a civilização e, por conseqüência, o destino da humanidade. Não é um fenômeno simples nem uniforme. Não atinge um país ou uma região. Tem abrangência mundial, atingindo a todas as nações de diferentes formas. Cada país tem diferentes dificuldades e diferentes formas da crise.

A raiz da crise não é econômica, nem monetária. Decorre do equacionamento de formas de ordem política e social, que são resultado de um longo e lento processo de evolução histórica, para as novas forças econômicas que têm transformado o mundo, durante cerca de quatrocentos anos. O caminho para superar a crise depende de que, considerando o contexto internacional, cada país, encontre sua opção, em função de sua estrutura sociológica e histórica. (Dawson, 1933. p. 34 36)

Por isso se torna necessária a preparação da nação para contingências. Entretanto, pensar sobre a segurança de uma nação requer a identificação e uma profunda análise das vulnerabilidades. Apenas depois da análise das vulnerabilidades é possível pensar a defesa nacional.

Qualquer contribuição para a formação de uma base para formulação de uma estratégia de superação e preservação dos interesses nacionais depende da identificação das vulnerabilidades a que está submetido o país. Para essa busca entendemos que, nesse sentido, a vulnerabilidade estratégica das nações é medida pela unidade cultural, pela preservação cultural, pelas limitações científico- tecnológicas, pelo nível educacional e pelo compromisso dos nacionais com o futuro.

As nações, submetidas às decisões de seus governantes que, por vezes, são ditadas por interesses ou pressões e impostas à sociedade, ainda que pelo temor e, mesmo que não desejadas, podem ser levadas ao conflito.

O mundo moderno, desenvolvido em função da ciência, construiu uma civilização poderosa. Por outro lado, também trouxe condições para sofrimento e possibilidades de aniquilamento da humanidade. Graças à tecnologia disponível não mais é necessário um Estado para combater e aniquilar outro Estado. Pequenos grupos com poucos meios e tecnologia adequada têm condições de causar sérios prejuízos aos Estados nacionais, ainda que poderosos. Tudo isso é consequência de características culturais, o que nos lembra Dawson, quando afirma que a "Civilização não é o resultado de um processo natural de evolução; é essencialmente devida ao domínio da natureza pela mente humana. Isso é uma ordem artificial, governada pela inteligência humana e sua vontade" (Dawson, 1998. p. xiii).

O estudo e análise das muitas possíveis ameaças que uma nação pode vir a sofrer são fundamentais para que as medidas adequadas à segurança possam ser eficientes. Para a proteção da sociedade, os sistemas de segurança e de defesa da nação passam a ter nova estrutura, novos meios e novas doutrinas, como forma de preparação para enfrentar os novos desafios. Entretanto, ainda que necessário, não é suficiente. Atualmente, o inimigo não mais se apresenta. O inimigo externo pode ter sua manifestação interna, e o inimigo interno pode ter sua manifestação externa. Como forma de proteção, é necessário que a unidade nacional (cultura) seja preservada do processo de interferência cultural a que venha ser submetida. Dia a dia, continuamente, a sociedade é objeto de processo sutil, atrativo, mas que tem o propósito de transformar o seu modo de pensar, logo o modo de ser, modificando sua identidade nacional (cultura). Assim, a vulnerabilidade passa a ser total, pois, de modo geral, passa a defender valores e idéias que atingem o coração da nação.

A humanidade atravessa uma das mais difíceis e sofridas fases da sua história, consequência do uso da ciência sem controle, da secularização que envolveu a civilização, da cultura hegemônica em seu ápice, no momento que se projeta sobre o mundo, econômica e militarmente, como forma de impor sua cultura.

A época em que vivemos foi denominada por Edgar Morin<sup>1</sup> de “Idade de Ferro Planetária”. Denominação que nos obriga a pensar, pois, desde há algum tempo, constatamos um processo de ocidentalização do mundo que traz as seguintes consequências:

- Uniformização das ideias, as quais, de modo geral, provêm, quase todas, da mesma raiz, da mesma matriz de pensamento;
- Globalização pelas guerras, em sua maioria por razões culturais, mas que muitas vezes atendem a interesses pelo controle e acesso irrestrito aos recursos naturais não renováveis;
- Esperança da humanidade cedeu lugar à desesperança, pois se perdeu a utopia, não mais existe referencial fixo que nos guie a um objetivo futuro;
- A globalização econômica que, padronizando o mundo, viabiliza o processo de interferência cultural que objetiva a subordinação das culturas mais frágeis;
- A virtualização do mundo que retira da pauta a realidade dos fatos, considerando sua versão como o próprio fato;
- A consolidação do pensamento e consciência única, que tornariam a humanidade semelhante ao protagonizado no Admirável Novo Mundo, de Aldous Huxley.

Por tudo isso, podemos constatar que o mundo moderno possui as seguintes e principais características:

Globalizador, Liberalizante, Integracionista, Intervencionista, Coator, Protecionista, Policialesco, Centralizador, Tecnocentrista, Instável, Inseguro, Sem Esperança, Virtual.

Nesse ambiente em que os indivíduos são interditados da sua nobre condição de pensar, é criado um sobre-pensamento que de fato é um *sub-pensamento*, porque *lhes faltam algumas propriedades de reflexão e de consciência, que são próprias e inerentes ao espírito e ao cérebro humano* (Morin, 1996).

---

<sup>1</sup>Edgar Morin & Anne Brigitte Kern em Terra Pátria, Ed. Sulina 1995

Ainda que inconscientemente, o que está sempre sendo evitado ou ocultado é a questão de quem deva ser o sujeito da modernização (racionalização) que, entretantes, ali está posto de maneira implícita. Entretanto, isso nos leva a uma questão que entendemos essencial, e mesmo fundamental, que se faz necessário esclarecer. É a dualidade identidade nacional (cultura) *versus* modernidade. Essa dualidade levantada em resenha que Fernando Novaes faz de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, nos coloca num impasse: *ou nos modernizamos e deixamos de ser o que somos, ou nos mantemos como somos e não nos modernizamos*. Este é um impasse que traz profundas conseqüências. Trata-se da insistência generalizada na afirmação de que a modernidade ali mencionada constituiria para nós, brasileiros, um paradigma, um novo e promissor paradigma.

O entendimento da problemática brasileira passa a ser possível a partir da real compreensão (Lógica) da modernidade. Assim, a modernidade deve ser considerada como um paradigma. Entretanto, não como nos é transmitido. Trata-se de fato de algo comprometido não com um paradigma, mas com o seu velamento. A insistência em firmar a existência benéfica do novo paradigma esconde o verdadeiro paradigma. É, de fato, algo vinculado ao paradigma propriamente, mas à sua ocultação.

Em suma, todo esse alarido sobre a modernização brasileira, como de resto todo o discurso (ideológico) sobre a modernidade é, no fundo, um discurso acerca de qual opção de sujeito da ciência há intenção deveras de dissimular. Se vier a continuar e, porventura, se consolidar a atual tendência de que o paradigma predominante e dominante continue a conduzir os destinos da humanidade, numa visão prospectiva, somos obrigados a acreditar que o homem, em sua dimensão mais significativa, o espiritual, humanístico, tende a ser extinto.

Não há quem rejeite ou recuse a ciência. Todos concordam em buscar o domínio científico e tecnológico que caracteriza a modernidade. Todos concordam em caminhar em direção à modernidade no sentido da busca do domínio do universo científico- tecnológico. Todos concordam em que se não tivermos os meios proporcionados pela ciência e pela técnica, vamos acabar

sendo dominados, ainda muito mais do que já somos, pelos países que constituem o grupo mais industrializado e desenvolvido, possuidores de amplo domínio técnico e científico. Por isso, todos queremos nos modernizar. Não há quem não o queira. Não há progresso sem a ciência.

Em síntese, a modernidade, para nós, deve ser olhada não como um paradigma, mas como a questão da ocultação ou dissimulação de um paradigma.

A tendência geral da vida moderna é direcionada ao planejamento e organização, controle centralizado, padronização e especialização. Essa tendência conduz, no extremo, à consolidação do Estado transformado em uma imensa máquina social, onde cada indivíduo é limitado à realização de função especializada e definida, onde a liberdade deixa de existir em sua plenitude, onde o emprego passa a ser um privilégio. As sociedades modernas se aproximam do Estado de organização plena, o que torna mais difícil existir condições adequadas para a liberdade espiritual e para a responsabilidade pessoal.

A educação torna-se uma parte essencial da máquina, para que possa vir a ser medida e controlada por técnicas científicas, tanto como o desempenho de seres bem treinados para a execução. Métodos de condicionamento de massa populacional, controle de opinião propiciado por técnicas de propaganda e ideologias oficiais, controle de comportamento por métodos de repressão social não são restritos à defesa da sociedade, porém direcionados contra opiniões e intenções que possam contrariar o sistema de poder. Essas características passam a fazer parte do mundo moderno.

Para Dawson todos os Estados modernos são totalitários, buscando envolver as dimensões econômica, cultural e política. Ao observarmos os países mais industrializados verificamos que o Estado possui poderes tão amplos e profundos que o torna totalitário. Além da manutenção da ordem pública, da defesa da nação, passa a ter responsabilidade sobre diferentes formas de organizações sociais, sobre o indivíduo, tanto quanto sobre a Igreja como sobre o bem-estar do cidadão, ao longo de sua vida (Dawson, 1998. p. 14-27).

Nesse ambiente, essas características passam a ser fundamentais para que as nações mais industrializadas tenham melhores condições de terem atendidas suas necessidades, de modo a manter seus atuais níveis de vida e de bem-estar, assim como suas crescentes carências de recursos naturais e de energia, ainda que à custa dos países periféricos.

O totalitarismo não acabou, não se tornou algo do passado que virou uma página da história. Não é algo que desapareceu com a descolonização e com os impérios clássicos. O totalitarismo assume novas formas passando a ser predominante nas relações entre desenvolvidos e não desenvolvidos. Essa relação se processa, em suas bases, na busca de subordinação cultural, através da interferência cultural. A subordinação cultural ou a absorção por parte da cultura mais frágil compõe o quadro em que apenas a cultura hegemônica é fonte de todas as coisas destinadas ao benefício da humanidade.

Nesse mundo, o Estado pouco a pouco vai se tornando totalitário. A liberdade é sacrificada em nome da economia, da riqueza e do desenvolvimento. Críticas passam a ser mal vistas e a ciência e tecnologia tornam-se instrumentos de poder que justificam doutrinas da ideologia dominante.

A tendência, nesse momento histórico, é de que mesmo os regimes totalitários não poderão continuar a manter formas totalitárias tradicionais. Entretanto, o mundo caminha nessa direção, e a margem entre as várias formas de regime totalitário se estreita.

A partir do século XVII, a ciência abraçou a humanidade que iniciou a construção de um mundo de visão mecanicista e materialista, com uma ordem material fechada, condicionada pelas leis da mecânica e da matemática. Nesse mundo o ser humano era considerado como sendo de ordem mecânica, negando-se os valores morais ou forças espirituais.

O progresso científico e material do século XX, a par de benefícios significativos devidos à industrialização, trouxe degenerescência de enormes massas de indivíduos e pobreza, bem como um *apartheid* entre países desenvolvidos e não desenvolvidos. O mundo regido pela ciência, construído numa ordem material fechada, subverte os ideais humanitários de fraternidade, tende a enfatizar o individualismo, o utilitarismo e o militarismo no plano social. Já Platão e o mundo grego entendiam que o objeto das ciências não era de caráter utilitário.



O progresso material num mundo utilitarista e de diferentes interesses nacionais construiu uma crise, que ameaça não apenas a prosperidade, mas a própria existência da civilização. O sistema capitalista de produção tem levado à conquista militar e à exploração das classes e nacionalidades submetidas.

Vivemos a febre do progresso sem limites. Não percebemos que a idéia de progresso tem sido a fé predominante há mais de três séculos, e de tal forma integrada ao espírito do homem moderno que a simples tentativa de criticá-la se torna um ato de negação da construção de um mundo melhor. É quase impossível a isenção quanto a críticas sobre aquilo de que somos parte.

A doutrina do progresso, em seu sentido pleno, contém a crença de que sempre, e em todas as formas, o mundo se torna necessariamente melhor. A ideia de progresso encontrou o seu apoio principal na crença apocalíptica da possibilidade de uma transformação completa da sociedade humana. Hoje, o progresso consiste na expansão da cultura materialista e urbana. A sociedade humana, remodelada pela aplicação da ciência à vida cotidiana, passa a viver da ciência e não com os benefícios da ciência. A primeira consideração sobre a sociedade deve ser a qualidade da população, e isso não pode ser assegurado por meios monetários ou por serviços sociais. Pode ser alcançada pela preservação dos fundamentos da sociedade, família e ambiente. A industrialização urbana destrói o mecanismo natural da vida social, o que força a construção a custo elevado de um mecanismo artificial para tomar seu lugar com consequências para a sociedade (Dawson, 1933. p.41-44).

Uma instabilidade prolongada no sistema econômico materialista tem grandes probabilidades de levar o mundo ao colapso. Surge um problema profundo que é a unidade moral e espiritual da cultura, da qual depende a existência externa. Isso porque o mundo é composto por culturas ligadas por vínculos materiais que têm perdido seus valores, suas tradições e suas características ímpares.

Vivemos uma época em que as fantásticas perfeições ou imperfeições da ciência são utilizadas em função de objetivos efêmeros, de controle social e de fazer a guerra. O ser humano é transformado num ser de segunda ordem. Nessa nova sociedade a

padronização, a uniformização do pensamento, a dimensão espiritual, característica maior do ser humano, a criação de um presente continuado, a ausência de referenciais e de valores elevados são estimulados e seguidos. Assim, como em Roma, em nossos dias a população é motivada para a diversão e para o hedonismo: o pão e circo dos dias modernos.

A quase totalidade do esforço científico tem sido dispensada a serviço do militarismo, da exploração econômica e, em menor parcela, para o bem da humanidade. Entretanto, sem a ciência, a humanidade não tem condições de evoluir, tornando-se imóvel e imutável seguindo um longo percurso até o fenecimento. Já Rabelais nos ensinou que “Ciência sem consciência é a ruína da alma”.

O observador mais atento constata o esforço para a implantação de uma ética universal que nos conduz, a todos, ao aprisionamento da dimensão cultural, essência e fator de unidade e que caracteriza cada uma das nações e o ser humano.

Em tais circunstâncias, nem sempre é percebido um fato fundamental: a concentração do poder decisório jamais vista, como decorrência da progressiva concentração do capital e do monopólio do conhecimento científico e tecnológico, contraposta à ilusão de sua democratização, cuja consequência, no plano teórico, é a ideologia do fim das ideologias. Como consequência direta, formou-se o monopólio das mais importantes decisões a nível mundial, bem como a busca à monopolização do conhecimento tecno-científico.

O século XX foi um século de muito sofrimento para a humanidade, a guerra esteve presente por todo o tempo. A insegurança dominou as nações e ainda continua como um legado que, por vezes, conduz ao pânico. No século XXI tudo continua. Presenciamos conflitos, armados ou não, por todo o mundo. Os quatro cavaleiros do apocalipse parecem percorrer os quatro cantos do mundo.

O fato mais significativo do século XX foi o surgimento decisivo de um novo tipo de civilização que difere de tudo que o mundo tem conhecido até os dias atuais, consolidando a modernidade. Nesse século XXI, a projeção cultural-militar estadunidense decorre de sua poderosa e bem preservada cultura, e de sua tradição, que o faz possuir a mais cosmopolita e imperial economia no mundo atual.

Ela procura, e de certa forma consegue, envolver todas as nações do globo. Apoiada por uma máquina militar jamais vista, procura manter o *status quo*, de modo a inibir o desenvolvimento das nações periféricas como uma das condições para manter seus atuais níveis de bem-estar. Para tanto, chegam a preconizar que o "Ocidente" encerrou sua trajetória tendo chegado ao auge de sua evolução. Tal é o caso da ideologia de "O Fim da História", de Francis Fukuyama, estabelecendo que o neoliberalismo seria o estágio final do desenvolvimento da sociedade humana. Isso nos mostra que imperialismo não acabou. O fim dos impérios clássicos não virou uma página da história, não faz parte do passado por causa da descolonização. O imperialismo apenas tomou nova forma (Santos, 52-57).

Neste século, o processo hegemônico difere do praticado nos séculos passados, por sua forte interferência cultural. Nos dias atuais, a relação Centro x Periferia destaca postura defensiva, confronto ideológico, inúmeros tipos de combate retórico e hostilidades latentes são consequências dessa relação, ou nova divisão do mundo.

O mundo vive num ambiente em processo de projeção cultural sujeito às fortes pressões políticas, militares, econômicas, e ecológicas. Até quando é possível suportar tais pressões? Modelos prontos para uma ordem harmoniosa entre as nações não existem. Propostas de convivência pacífica não se consolidam, porque prevalecem os interesses das nações mais poderosas. Podemos observar que a caminhada rumo ao imperialismo teve como importante consequência o domínio da maior parte do mundo por poucas potências.

Periodicamente, ainda que tais períodos não estejam sujeitos a alguma lei de formação, alguma nação ascende no cenário internacional, com poder e determinação para interferir no sistema internacional, em nível mundial ou regional, e formatá-lo, de acordo com seus interesses.

Vivemos todos num sistema em estado de falência em seus próprios centros de comando e que pretende sobreviver pela monopolização das decisões, com base na lei de sobrevivência do mais forte. Isto é, implantando se um jogo cuja regra básica é que todos transfiram recursos de toda ordem, para poucos.

Isso, porque os países mais industrializados e ricos assumem o direito de legislar sobre os interesses e soberania dos demais Estados, julgando se “única forma de salvação da humanidade”. Todavia, essa falência pode significar a fase final de transformações qualitativas que denunciam o “Fim da História” exatamente para aquele sistema condenado à própria história que pretende ser, ele próprio, o fim da história (Santos, 52-57).

É a violência sob os mais científicos métodos para chegar à dominação hegemônica de um só. Esse, o produto final da sociedade industrial, que não tem como objetivo principal o homem, mas que sob a ótica da maximização do lucro e da eficiência se complicou com a pulverização da divisão social do trabalho, da excessiva subdivisão de classes sociais, da geração do poder burocrático e tecnocrático tanto no setor público como no setor privado. Para o atendimento da consolidação do poder decisório centralizado, no qual a tecnologia é fator preponderante, a sociedade industrial não eliminou os conflitos de classe, nem entre o capital e o trabalho.

De fato, diversificaram-se a natureza e a força dos conflitos, dissimulados na suposta divisão do poder decisório. Tem se a tecnologia como fator principal, frente ao qual capital e trabalho, como antagonismos sociais, têm uma nova face: desemprego e tecnologia, saber e ignorância, pobreza e concentração da riqueza, com suas graves conseqüências (Santos, 52-57).

O entendimento da crise atual, que coloca o Estado Nacional Soberano no centro, só pode ser alcançado ao se conseguir estabelecer o nexos causal entre Poder e Cultura; Cultura e Ideologia; Ideologia e Poder.

No século XXI, a tecnologia predomina fortemente, mas sem perder o componente ideológico. Ideologia que combate o Estado Nacional soberano; que defende a falsa competição econômica em lugar da cooperação; que defende um sistema de economia política que transfere riqueza das nações pobres para as nações ricas; que subordina culturas mais frágeis à cultura central; onde o ser humano é posto à margem e não no centro do processo.

Como a ideologia de todas as ideologias, o processo de consolidação da hegemonia anglo-saxônica busca perpetuar o predomínio dos mais fortes sobre os mais fracos. Procura manter

as nações periféricas como fornecedoras de *commodities* e matérias-primas, em benefício das mais industrializadas e desenvolvidas.

A estrutura que sustenta a nova ordem, ou a modernidade, é apoiada por gigantesco acervo de conhecimento técnico e científico, mas que restringe o acesso a cada indivíduo a apenas o que é determinado pelo sistema. Mesmo nessas condições de trabalho, de aprendizado e de realização, o indivíduo tem a sensação de felicidade. Isto porque ele, desde o nascimento, foi condicionado, sendo-lhe a satisfação e a felicidade proporcionada, como diz Lorenz, por meios psicofarmacológicos.

Um aparato de dominação, possibilitado pela técnica e provido de um sistema de doutrinas, tende, em função do tempo, a desenvolver mecanismos próprios destinados a eliminar qualquer reação.

Por via de consequência, as nações ficam vulneráveis, o Estado é desprezado, as reais insatisfações das populações crescem, ficam fora de controle e os governos tornam-se frágeis para conduzir e construir o futuro dos países.

Um país pode ser entendido como um ente de ordem dialética de duas dimensões. Uma dimensão espaço e uma dimensão cultura. A dimensão espaço faz-se representada por uma área geográfica delimitada, de soberania política. A dimensão cultura faz-se representada pela área cultural, mais ou menos homogênea, não delimitada. Como é a cultura a responsável pela unidade nacional, percebe-se sua fundamental importância para a soberania e sobrevivência da nação.

Isso também mostra porque a dimensão cultural é a mais importante das determinantes sociais em longo prazo, ainda que possa existir, ou persistir, uma indeterminação quanto ao exato momento em que a cultura é determinante para a evolução ou dissolução das nações.

Alguns dilemas se apresentam e são fatores de preocupação. Atualmente não mais possuímos ilusões. Vivemos um momento histórico em que a Utopia parece ter cedido lugar ao ceticismo e ao fatalismo. Vivenciamos um sentimento de que o futuro será pior do que o presente, e que por isso nossos filhos poderão ter um mundo pior do que aquele em que vivemos. As ideologias apresentadas como o caminho que levaria a um futuro melhor mostraram se responsáveis pelo sofrimento e mortes como na pior das guerras.

A nacionalidade inicia seu caminho rumo à internacionalidade. O nacionalismo deixa de ser um fato político para ser uma característica cultural. As nações parecem querer deixar de ser o que são para ser o que outra é. Qualquer ordem mundial genuína deve ser intercultural, bem como internacional. Porém, o mundo ainda não está amadurecido para tal ordem. O fato é que o internacionalista é um imperativo inconsciente, e concebe um estado de mundo na forma universal, mesmo que sob a paz kantiana. O movimento de mudanças, que tem transformado a civilização tão profundamente, que trouxe otimismo quanto a um futuro melhor, já dá sinais de que, no mundo de hoje, foi perdido o controle sobre essas forças de mudança, que se tornam um sério perigo para a humanidade. A vida necessariamente implica mudança, mas não significa que mudanças impliquem em vida (Dawson, 1932. p.10- 35).

A Guerra fria terminou, mas o maniqueísmo continua. Divide-se o mundo entre o bem e o mal. Entre os que são e os que não são terroristas. É construída uma nova cruzada. A nova guerra santa faz visualizar os quatro cavaleiros do apocalipse. As vítimas inocentes dessa cruzada contra o terrorismo, identificado ou não, são consideradas como *efeitos colaterais*. A vida passa a não ter valor para os que não nasceram no solo dos que se propõem a erradicar o *mal*.

Inegavelmente, estamos, neste início de século XXI, confortavelmente instalados, assistindo ao terror da guerra e à guerra do terror, ainda que preocupados com os imprevisíveis (previsíveis) desdobramentos. Tudo isso, justificado pela vontade de imposição de uma vontade. Entretanto, entendo que se faz necessário voltarmos o pensamento para identificar a motivação dessa total insanidade, ou para os fundamentos desse louco e irracional modo de ação, ainda que, em função de um processo que possui sua lógica.

Ao contrário do que se diz, o mundo não mudou. De fato, continua a ser o mesmo. Continua, agora com mais ênfase, em função do argumento do terrorismo, a militarização, o totalitarismo, o medo e a insegurança, tal como durante a Guerra Fria. A defrontação e, em muitos casos, a confrontação cultural exigem ações decisivas que visem à proteção da cultura nacional. Este início de século XXI, caracterizado pela velocidade, favorece a tendência de desterritorialização das culturas mais frágeis. A projeção ou a imposição de uma cultura sobre outra só é viável quando não existem mecanismos de defesa que possibilitem manter sua integridade. Por tal razão, as sociedades primitivas são as mais vulneráveis.

Walter Benjamin também ilustra bem este quadro quando diz que:

Não há documento da civilização que não seja também um documento da barbárie. E como ele próprio não está isento de barbárie também não está o processo de transmissão cultural pelo qual ele cai das mãos de uma cultura nas de outra (Morin, 1995).

A ausência de sustentação das bases de uma cultura é como uma sentença de morte. A cultura desaparece sem deixar vestígios. As sociedades perdem seus valores, a noção de solidariedade, desterritorializam se e desagregam se. No limite poderão consolidar se novas unidades políticas que se constituirão com fronteiras políticas geográficas próprias no território em que se localiza a cultura confrontada. Isso significa a tendência à fragmentação, e consequente dissolução nacional.

A interferência cultural tem sua ação predominantemente direcionada para a extrapolação da alma de um povo sobre outro, fundada no conteúdo de territorialidade das culturas. A tônica de territorialidade da cultura mostra a fundamental importância da nacionalidade que a ela é agregada. O território é imprescindível à cultura e possui com esta uma relação biunívoca. A cultura é essencial para a manutenção da integridade territorial o que, em parte, possibilita o seu vigor e sua criatividade.

Considerando a interferência cultural como um instrumento da estratégia. Considerando estratégia uma arte, a interferência cultural é uma arma. Uma arma silenciosa e eficiente. Sendo as relações entre as nações predominantemente conflituosas e a pauta das discussões definidas pela geopolítica e pelos interesses nacionais, a interferência cultural é uma arma que transcende aos tempos de guerra. O que predomina de fato são os interesses das nações.

Sabemos que a cultura vem moldando os padrões de coesão, integração, desintegração e conflito, ao longo do processo histórico. Não é difícil constatar que a política mundial vem sendo configurada seguindo linhas culturais, ainda que se pretenda econômica. Ao se tratar de cultura, nessa abordagem cabe trazer à lembrança Joseph Nye, quando afirma que existe um forte vínculo entre cultura e poder e que a existência desse vínculo é desconhecida por quase todos.

O estudo da história do Brasil nos faz perceber que o que o faz marginal é também o que o faz resistir à modernidade. O Brasil se caracteriza pela confluência de inúmeras e bem diferentes culturas, que se por um lado, dificulta sua modernização, por outro lado, vem se constituindo na base necessária à estruturação de uma cultura realmente nova e única. Por isso, o Brasil possui duas destinações possíveis: a modernidade ou a originalidade, como afirma Coelho de Sampaio (Sampaio. 2002).

O Brasil tem todas as condições para se constituir, no único e real perigo para a cultura dominante. Por isso, é fundamental que seja desenvolvida para o Brasil uma estratégia cultural para sobreviver, sem se descaracterizar culturalmente, até a chegada do momento adequado à superação da modernidade. Como sugestão, apresentamos proposta que poderia se constituir em base para uma estratégia cultural, que proporcionaria condições de dar sobrevivência à cultura brasileira, e assim poderia optar pela originalidade, e superar a modernidade. Desta forma a cultura da defesa teria sustentação e poder para posicionar-se como a futura nova cultura de referência.

- 1 - Priorização da cultura brasileira sobre a Política e a Economia;
- 2 - Defesa do *espaço* para manifestações culturais;
- 3 - Defesa da língua e da linguagem brasileira;
- 4 - Difusão generalizada da história da cultura brasileira;
- 5 - Educação, não só para o trabalho, mas também para a cidadania plena (política e cultural);
- 6 - Incorporação de tecnologias modernas a serviço da cultura brasileira;
- 7 - Preservação do recorte cultural da América do Sul e da África, porém com o reconhecimento da função crucial da cultura brasileira;
- 8 - Agregação do espaço luso fônico com a África e Ásia;
- 9 - Difusão da cultura brasileira;
- 10 - Incentivos à criação de organismos que se dediquem à cultura brasileira;
- 11 - Estudos sobre a possibilidade de ações conjuntas, ao nível de lingüística;
- 12 - Forças Armadas adequadas às dimensões e condições geográficas sul americanas, de avançado nível tecnológico;
- 13 - Cooperação com os países sul americanos;
- 14 - Preparação para evitar e superar possível convulsão social;
- 14 - Preparação para conter ações terroristas; e
- 15 - Investimento maciço e continuado em educação e ciência e tecnologia.



A existência de um projeto nacional brasileiro, original e de longo prazo, que tenha em sua essência a preservação, a valorização e a projeção da cultura, da língua, dos valores, dos esquemas interpretativos nacionais será base poderosa para a construção das condições fundamentais para que a cultura brasileira possa vir a se posicionar e superar a atual ordem internacional. Assim, poderá trocar sua condição de cultura periférica e dependente para colocar se como cultura nodal.

A paz, a vida num mundo sem conflitos, se vier a existir, não deve repousar sobre o temor à guerra, mas no amor à paz; não será a abstenção de um ato, mas o advento de um estado de alma. Algo como Spinoza nos legou: "A paz não é a ausência de guerra, mas uma virtude que nasce da força da alma" (Bobbit, 2002).

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOBBITT, Philip. 2002. *The Shield of Achilles*. Anchor Books. New York.
- CANCLINI, Nestor Garcia. 1995. *Consumidores e cidadãos*. Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- CHOMSKY, Noam. 2001. Terrorismo, a arma dos poderosos. *Le Monde Diplomatique*. Dez. 2001.
- CHESNEAUX, Jean. 1995. *Modernidade: mundo*. Editora Vozes. Petrópolis.
- Coelho de Sampaio, Luiz Sérgio. 2001. *Filosofia da cultura. Brasil: luxo ou originalidade*. Editora Agora da Ilha. Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. 1998. *A Grande Tarefa de Nosso Tempo: uma nova filosofia* in *Revista Brasileira de Filosofia, FASC*, 189. São Paulo.
- \_\_\_\_\_. 1999. *Crítica da modernidade*. Mimeo. Rio de Janeiro.
- Cuche, Denys. 1999. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Editora Universidade do Sagrado Coração. Bauru.
- DAWSON, Christopher. 1947. *Progress and Religion. An Historical Inquiry*. The Catholic University of America Press. Washington D. C.
- \_\_\_\_\_. 1933. *Enquires into Religion and Culture*. Seed & Ward, Inc. New York.
- \_\_\_\_\_. 1998. *Christianity and European Culture*. The Catholic University of America Press. Washington, D. C.
- ELIOT, T. S. 1988. *Notes towards the Definition of Culture in Christianity and Culture*. A Harvest Book. Harcourt, Inc.
- FEATHERSTONE, Mike. 1994. *Cultura Global*. Editora Companhia das Letras. São Paulo.
- FREYER, Hans. 1965. *Teoria da Época Atual*. Zahar Editores. Rio de Janeiro.
- GHALIOUN, Burthan. 1996. *La Déstabilisation du Monde* in *Défense Nationale*. Avril. France.
- GIANNOTTI, José Arthur. 2001. *A ocultação do real* in *jornal Folha de São Paulo*, caderno Mais de 7 de agosto de 2001. São Paulo.
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Livros técnicos e científicos editora. Rio de Janeiro.

HENRY, Paul. 1937. *Le Problème des nationalités*. Librairie Armand Colin. Paris.

HUNTINGTON, Samuel P. 1997. *O choque de civilizações*. Ed. Objetivo. Rio de Janeiro

IANNI, Otávio. 1995. *Teorias da Globalização*. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

LALOUP, J. et Nélis J. 1955. *Culture et Civilization*. Ed. Casterman. Paris.

LATOUCHE, Serge. 1994. *A ocidentalização do mundo*. Editora Vozes. Petrópolis.

MARCUSE, Herbert. 1967. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Zahar Editores. Rio de Janeiro.

MORIN, Edgar & Kern, Anne Brigitte. 1995. *Terra Pátria*. Editora Sulina. Porto Alegre.

MORIN, Edgar. 1996. *Ciência com Consciência*. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro.

PETRAS, James. 1995. *Ensaio Contra a Ordem*. Ed. Scritta. São Paulo.

SANTOS, Jorge Calvario dos. 2000. *Dimensões da Globalização*. Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos Editora. Rio de Janeiro.

SPENGLER, Oswald. 1993. *O Homem e a Técnica*. Guimarães Editores. Lisboa. Portugal.

\_\_\_\_\_. 1982. *A Decadência do Ocidente*. Ed. Universidade de Brasília. Brasília.

SONTAG, Suzan. 2001. *O cálculo da dor* in jornal Folha de São Paulo, caderno Mais de 23 de julho de 2001. São Paulo.

SAID, Edward W. 1995. *Cultura e Imperialismo*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo.

TOYNBEE, Arnold J. 1981. *O desafio de nosso tempo*. Zahar Editores. Rio de Janeiro

\_\_\_\_\_. 1953. *Um estudo da história*. Editora W. M Jackson Inc. São Paulo.  
Zea, Leopoldo. 1990. *Discurso desde la marginación y la barbárie*. Fondo de Cultura Económica. México.

